

LENDAS

D. A. A. LUSTOSA

Arcebispo de Fortaleza

Antigamente, cada povo tinha suas tradições, suas crenças, suas fábulas como patrimônio por vêzes privativo. Os outros povos se conservavam alheios à sua história. É que as vias de comunicação eram raras e morosas; os órgãos de publicidade pouquíssimos ou inexistentes; a instrução escassa ou nula. Hoje, o que se passa em uma região da terra se comunica rapidamente aos outros povos com a máxima facilidade. Tudo se divulga, tudo se generaliza. E já é difícil furtar qualquer notícia à indiscrição dos meios de difusão.

Houve povos, na antiguidade, que se conservaram fechados durante séculos à investigação dos curiosos estranhos. Suas fábulas, suas lendas se conservaram exclusivamente suas por muito tempo. Entretanto, mesmo nessas épocas recuadas, uma ou outra lenda passou de um povo para outro com modificações mais ou menos profundas. Bem interessante seria um estudo comparativo entre as lendas dos diferentes povos. Talvez se conseguisse, com pesquisas pacientes, chegar à conclusão de que certas lendas de povos bem diversos não passam de modalidades, versões diferentes de fatos primitivos que, através de séculos, se divulgaram e se adaptaram às diferentes mentalidades das diversas nações.

Palestra proferida na sessão do dia 21-7-52, do Instituto do Ceará.

A lenda, pode dizer-se, existe na tradição de todos os povos. Algumas foram criadas para explicar fatos de origem desconhecida; outras, para melhor explicar as relações entre os homens e os seres superiores. Algumas tiveram como autores poetas de escol como Hesíodo e Homero; outras nasceram de narrativas populares, sem inspiração poética.

Mas, em quase tôda a lenda, de envolta com a roupagem imaginosa e, por vêzes, absurda, há um fundo de verdade. E êsse fundo de verdade são, às vêzes, raios de luz que vieram de longe, de outros povos detentores de conhecimentos mais completos, de cultura mais aprimorada.

Sirva de exemplo o mito de Prometeu.

Zeus — diz a mitologia grega — era o criador dos homens. Gozava de particular confiança de Zeus e lhe servia até de conselheiro o sábio Prometeu. Quando o criador dos homens, indignado contra êles que não estavam procedendo bem, resolveu exterminá-los, Prometeu se interpôs, os defendeu e conseguiu aplacar o Ser Supremo. Levou Prometeu sua dedicação pelos homens a ponto de roubar o fogo do céu, para, com ele, brindar seus protegidos da terra. Foi então que Zeus, indignado, mandou à terra Pandorra semear entre os mortais tôda a espécie de males. E Prometeu foi condenado a tremendo suplício. Segundo o poeta Êsquilo, êsse castigo consistiu na prisão de Prometeu junto ao Cáucaso. Foi amarrado ao rochedo e ali uma águia voraz ia constantemente devorar-lhe o fígado. Êsse suplício durou até que Hércules libertou o infeliz Prometeu.

Ora, dessa fábula o pensamento fundamental é êste: o grande defensor dos homens torna-se vítima expiatória pelo bem que quis fazer à humanidade criminosa.

É evidente que êsse pensamento se inspirou no cristianismo. O fundo da história da nossa redenção é precisamente êsse. Jesus Cristo, para salvar a humanidade pecadora, sujeita-se ao castigo da cruz. O seu cáucaso é o Calvário, o seu rochedo é a cruz. E, como ave de rapina, a dor mais cruel física e moral dilacera-lhe o coração.

Nas profecias dos livros sagrados estava descrita a paixão e morte do Redentor. É perfeitamente admissível que entre os gregos um conhecimento vago de tudo isso se tenha corporizado no mito de Prometeu.

Nesses tempos de antanho, sem imprensa, tempos em que eram os manuscritos bem raros e mais raros ainda os que sabiam ler, a divulgação dos conhecimentos se fazia **lento pede**. Os livros sagrados de Moisés eram conhecidos entre os israelitas; mas entre os helenos provavelmente chegavam, algumas vezes, conhecimentos vagos da história desse povo detentor do precioso patrimônio histórico que ainda hoje se admira — esse conjunto grandioso dos Livros Sagrados. Na mitologia grega os reflexos da Bíblia são evidentes.

Sobre a cosmogonia mosaica descrita no Gênesis, naturalmente se calcaram muitas e interessantes lendas que tentam explicar o aparecimento dos astros, das flôres, dos animais, do homem.

Entre os povos antigos, civilizados alguns, bárbaros ou semibárbaros outros, encontram-se tradições, lendas que não passam de modalidades de narrações bíblicas, vestidas naturalmente à moda desse povo, isto é, revestidas de circunstâncias locais, desfiguradas ou modificadas de acôrdo com os próprios usos e com a mentalidade do meio.

Repassemos o episódio tão belo da infância de Moisés.

Os israelitas estavam ainda detidos no Egito. Mas cresciam em número e fôrça a ponto de incutirem receio aos seus dominadores. Faraó, esquecido dos benefícios recebidos de José — filho de Jacó, começou a oprimir os israelitas. Chegou ao ponto de dar ordem para serem lançados ao rio Nilo todos os meninos recém-nascidos; só as meninas seriam poupadas.

Ora, uma das mães israelitas escondeu seu filho recém-nascido para subtraí-lo aos esbirros do Faraó. Mas, depois de três meses, viu que o não podia mais ocultar. Que fez então? Tomou um câsto, fê-lo calafetar bem, para ficar impenetrável à água. Acomodou dentro do câsto seu formoso filho e mandou

colocar o cêsto à margem do grande rio. À pequena distância ficou a filha da israelita à espreita. Sabia que a filha do Faraó não tardaria a se aproximar dêsse local.

Com efeito, dentro em breve, ali chegou a princesa; viu o cêsto, mandou que fôsse aberto e, com surpresa, encontrou dentro a encantadora criança. Corre, então, a irmã como surpreendida e se oferece para chamar uma mulher israelita a fim de cuidar do pequeno, que, logo, tomou o nome de Moisés, cujo significado é "Salvo das Águas". A israelita não podia ser outra senão a mãe do menino. Disse-lhe a filha do Faraó: "Toma o menino, cria-o para mim e eu te pagarei". E ela criou o próprio filho que veio a ser chefe admirável dos hebreus, o grande legislador do seu povo. Assim narra o Livro do Êxodo no seu capítulo segundo o salvamento de Moisés.

Agora, vejamos uma lenda dos nossos índios da Amazônia e confrontemo-la com o episódio bíblico.

Havia lá no coração da selva um tuchaua poderoso, já amadurecido em anos — era o Faraó da região. Na sua maloca sua voz ecoava prepotente e ninguém ousava desrespeitar-lhe a autoridade. Chamava-se PAÍ-TUNA.

A idéia de surgir um dia algum rival o levou à insânia de decretar o extermínio de todo o menino que nascesse; só as meninas seriam criadas e teriam o direito de viver. Uma das índias não estêve pelos autos. Deliberou ocultar o seu filhinho não só aos olhos do velho tuchaua, mas também à vista das outras mulheres. O menino cresceu robusto e belo. Mas, um dia, o segredo foi descoberto. Já moço, tratou de fugir à perseguição de Paí-Tuna. Depois de procurar um esconderijo bem seguro, encontrou-o no fundo de uma lagoa.

Um dia, porém, por fatalidade, o tuchaua foi pescar nessa lagoa. Lançou a tarrafa e colheu em suas malhas o pobre moço que assim perdeu a vida.

Nos Vedas que, como se sabe, se contém o que há de mais remoto na literatura sânscrita, narram-se mitos interessantes onde provavelmente se refletem episódios históricos das descri-

ções bíblicas relativas à criação do mundo. Mas deixemos êsses povos distantes e voltemos às nossas plagas.

Entre os nossos selvagens há outras formosas lendas que parecem inspiradas nesses conhecimentos bíblicos. Como terão chegado às nossas selvas, em épocas remotíssimas, notícias que as gerações semíticas hauriram dos Livros Sagrados? Várias explicações se arquitetaram. Mas prossigamos.

Os mandurucus, que habitam as terras banhadas pelo Tapajós, contam assim a história de Hanhu. O semideus Carú-Sacaébe fabricou uma estátua de pau; pôs-se em seguida a soprar sobre a imagem e à medida que soprava ela crescia e se tornava animada. Assim se tornou perfeito homem (Coutinho de Oliveira — Folclore Amazônico), assim apareceu, na terra, Hanhu.

Claramente se reconhece nessa graciosa lenda de nossas selvas o que se lê no Gênesis em referência à criação do primeiro homem.

Nem falta a circunstância do sôpro.

Diz o texto sagrado que o Criador tendo feito a estátua de barro "inspiravit in faciem ejus spiraculum vitae" (Gen. Cap. 11-7): "soprou sobre a face da estátua o sôpro da vida".

Note-se que os selvagens dão importância capital ao sôpro. Se há onças, ameaçando os habitantes da maloca, o pajé sopra na direção do norte ou do sul e diz que pôs em fuga as onças para esta ou aquela direção. Quando se dá um remédio ao índio, êle vai logo levá-lo ao pajé para que êle sopre sobre o medicamento e lhe infunda a virtude curativa. Também nos malefícios êle sempre faz uso do sôpro.

Quando o índio assiste à administração do batismo, a cerimônia do rito sagrado que mais o impressiona é a do sôpro ou bafêjo.

Ainda sobre a origem do homem na terra, há entre os índios da Amazônia uma interessante lenda que lembra também a narração bíblica da criação dos nossos primeiros pais. E, nessa lenda, há a particularidade engenhosa de deixar explicada a diferenciação das raças. Narram os índios que Tupã, tendo de-

liberado criar os homens, foi à sua cerâmica e modelou uma estátua de barro. Feita a estátua, levou-a ao forno para cozê-la. Quando a retirou, a encontrou forte mas enegrecida; havia cozido demais. Assim teve origem a raça preta. Tupã ficou descontente: fez nova estátua e teve o cuidado de cozê-la a fogo brando. Quando a retirou do forno, teve novo desgosto: o homem havia ficado muito branco. Achou-o feio. Fez terceira tentativa. A nova estátua foi cozida em temperatura moderada; saiu um primor: nem branca nem preta: a côr ideal dos selvagens.

Aí está a modalidade que assumiu na fantasia dêsses silvícolas, ao que parece, o relato mosaico da criação do homem.